

existente no Vaticano é o do autor, e o único existente, não apresenta problemas de reconstrução pelo bom estado, ou dificuldade para a leitura.

A obra, *Vida de Roberto, o Pio*, foi escrita entre 1031 e 1041, pelo monge Helgaud de Fleury-sur-Loire, que conheceu o rei pessoalmente e que dá uma descrição total da sua época, tanto por suas palavras, como por seus silêncios, e da reação dos meios religiosos à ascensão dos capetíngios. Helgaud fez quase uma hagiografia do rei, estando ligado a êle por laços pessoais: doações à abadia, posição assumida nas lutas internas das abadias. O manuscrito, embora identificado pelo nome do autor, foi escrito por várias pessoas que anotaram o que êle ditava; havendo retoques, complementos e rasuras, constando tanto na edição diplomática, como nas notas em rodapé.

A edição pròpriamente dita, é composta por uma Introdução: com a vida do autor e seus condicionamentos, história e descrição do manuscrito e um estudo das diferentes grafias que nêle aparecem, a obra com sua finalidade, época de composição, fontes de informação do autor e seu primeiro rascunho, gênese da obra e plano, valor histórico e literário, utilização por outros autores, edições, traduções e excertos. O texto, com leitura diplomática em latim, com notas no rodapé contendo emendas, rasuras, etc., e leitura modernizada em francês, com notas explicativas em páginas paralelas, dividido segundo o autor em 30 capítulos. Há ainda uma parte contendo as explicações sôbre o estabelecimento do texto e orientação bibliográfica, anterior ao texto, e, posteriormente um Hino do autor, a árvore genealógica de Roberto, o Pio, a bibliografia utilizada por Helgaud, índice dos nomes em latim, índice das palavras, o índice geral e quatro fôlhas contendo fác-similes do manuscrito e do rascunho.

Esta obra, embora luxuosamente impressa, tem um interesse limitado: sômente estudiosos de história medieval podem utilizá-la plenamente; entretanto, deve ser consultada por todos quantos se interessem por edição de textos, pelo alto nível apresentado, pelo exemplo de trabalho cuidadoso e consciencioso, que a alguns pode parecer desinteressante e minucioso demais, mas que é o verdadeiro trabalho científico em edição de textos.

RAQUEL GLEZER

\*

\*

\*

LOBATO (Alexandre). — *Da Época e dos Feitos de Antônio de Saldanha*.  
Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, Lisboa, 1964.

Alexandre Lobato, conhecido autor da série "Estudos Moçambicanos" e outros numerosos trabalhos que versam sôbre a História Ibérica e a expansão ultramarina, foi encarregado pelo Almirante Sarmiento Rodrigues, fundador do Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, de prestar homenagem a Antônio de Saldanha, por ocasião do V Centenário da morte do Infante D. Henrique.

Antônio de Saldanha, como é do conhecimento daqueles que se interessam pela história da expansão portuguesa, foi um experimentado navegante do século XVI, responsável pelo descobrimento da chamada Baía ou Aguada de Saldanha, na África do Sul (costa ocidental, aquém do Cabo da Boa Esperança), além de ter

sido companheiro de Afonso de Albuquerque e general da expedição enviada em auxílio de Carlos V, por mando de D. João III, na célebre empresa de Tunes (1521).

Baseando-se quase que exclusivamente nos cronistas (João de Barros, Gaspar Correia, Damião de Góis) e em outros documentos da época, o autor procura narrar os episódios da vida de Antônio de Saldanha, abrangendo um período que vai de 1503 a 1535. O trabalho nos surge, assim, pontilhado de citações, o que revela a preocupação de evitar, como diz na Introdução, “comentários pessoais” ou “conjecturas que não sejam imperativas”. Além da documentação que aparece no decorrer da leitura, há ainda, em apêndice, quatro textos elucidativos.

A nosso ver, entretanto, o mérito da obra reside no fato de o autor não se prender apenas aos feitos individuais do célebre marinheiro. O que se nota é, sobretudo, a tentativa de dar uma ambiência geral, embora nem sempre explícita, em que os feitos extravasam os limites da ação individual e se estendem ao comportamento do português na Índia, retratando todo um modo de viver e pensar e toda uma trama político-diplomática. Segundo palavras do próprio Alexandre Lobato, o livro “mostra Saldanha em plena luta”, e o resultado é um panorama vivo da presença portuguesa no Oriente.

#### ANA MARIA DE ALMEIDA CAMARGO

\*

\* \*

*Vida do honrado Infante Josaphate filho del rey Avenir*, versão de Frei Hilário da Lourinhã e a identificação, por Diogo do Couto (1542-1616), de Josaphate com o Buda. Introdução e notas de Margarida Corrêa de Lacerda. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1963.

Esta obra, que poderia ser um estudo da circulação de lendas pelo Oriente, com seus sucessivos acréscimos, até atingir o Ocidente medieval incorporando-se na sua vida cultural, resume-se numa simples edição da obra, com uma introdução.

Pela introdução ficamos sabendo da importância da lenda, que é a da infância de Buda e sua pregação, que se espalhou por diversos povos orientais atingindo até as igrejas católicas, ortodoxa e romana, onde Josaphate passou a ser identificado como um santo cristão e, sua vida um exemplo aos monges. Na verdade esta lenda foi aproveitada e englobada por todas as religiões que tomaram contacto com ela. E na Europa moderna teve uma grande difusão, atingindo até a forma de conto infantil, conforme cita a anotadora. No século XIX os estudiosos orientalistas traçaram sua rota quase que desde a origem e os acrescentos feitos pelos diversos povos, como indica a ampla bibliografia citada, e a autora indica um texto português do século XVI, de Diogo de Couto, *Década V da Ásia*, onde a relação entre Josaphate e Buda está claramente feita, pela primeira vez.

Após esta introdução, com a edição do texto diplomático da obra de Diogo do Couto, a anotadora nos apresenta em breve resumo a vida e a doutrina de Buda, a passagem da lenda budista a romance cristão, a integração deste na religião mesmo, com Santo Josaphate e Santo Barão reconhecidos pelas Igrejas, as